



A COVID-19 NO BRASIL, O PRESIDENTE BOLSONARO E A REVISTA DE MEDICINA BRITÂNICA *THE LANCET*

Hildo Honório do Couto (Universidade de Brasília/GEPL)

Resumo: O objetivo deste pequeno artigo é apresentar e discutir o Editorial da revista de medicina britânica *The Lancet* de 9 de maio de 2020. Como o Brasil está sob um desgoverno no que tange a uma coordenação das medidas contra a pandemia do coronavírus, este Editorial e os comentários a ele são uma espécie de introdução a este volume especial de *ECO-REBEL* dedicado aos discursos sobre o coronavírus. Nota-se que a revista se mostrou bastante crítica diante do fato de o atual presidente não só não coordenar o combate ao vírus, mas atrapalhar o que governadores, prefeitos e autoridades da saúde tentam fazer. O Editorial termina afirmando que se o presidente não mudar de atitude, pode ser o próximo a ser cassado.

Palavras-chave: Coronavírus; *The Lancet*; Ecolinguística; Falta de governo.

Abstract: Being a kind of introduction to this supplement of *ECO-REBEL* volume 6, number 3, 2020, the objective of this short essay is to present and discuss the Editorial of the British journal of medicine *The Lancet* of May 9, 2020, on the attitude of the Brazilian president regarding measures to be taken to fight the coronavirus. The president not only do not coordinate these measures at a national level, but is a hindrance to what provincial governors and city mayors are trying to do to cope with the pandemic. As a rule, the journal is very critical of the president's attitudes and non-attitudes. It concludes by saying that if he does not act as a real president in this ordeal he will be the next to go, i.e., to be impeached.

Key-words: Covonavirus; The Lancet; Ecolinguistics; Absence of governance.

A conceituada revista de medicina britânica *The Lancet* publicou em seu número 395 um Editorial provavelmente assinado por seu editor-chefe, Richard Horton, sobre a questão do coronavírus no Brasil e a atitude do presidente Bolsonaro relativamente à pandemia. *The Lancet* tem uma longa história. Como se vê no seu *site*, ela "é uma revista de medicina geral semanal fundada em 1823 por Thomas Wakley. Desde seu primeiro número (5 de outubro de 1823) ela tem lutado para tornar

ECO-REBEL

a ciência amplamente disponível de modo que a medicina possa servir e transformar a sociedade e impactar positivamente a vida das pessoas”. Vê-se também que “*The Lancet* evoluiu de um panfleto no século XIX para uma revista internacional de grande impacto”. Sabe-se outrossim que ela tem escritórios editoriais em Londres, New York e Pequim.

Diante do renome da revista, considere conveniente divulgar o Editorial neste número de *ECO-REBEL* dedicado à discussão dos discursos sobre a SARS-CoV-2, coronavírus (covid-19) no Brasil. Embora se trate de um pequeno texto publicado em uma revista de medicina, ele é perfeitamente adequado ao presente contexto. O que vou fazer é semelhante ao que Fritjof Capra fez com a Encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco (CAPRA, 2020). Como se trata de um texto curto (apenas cinco parágrafos), quem se interessar pela Encíclica terá acesso a ela na íntegra, pois, como se verá, reproduzirei cada um dos seus parágrafos, acompanhados de pequenos comentários. Já no primeiro parágrafo se nota um apanhado geral do problema do coronavírus no Brasil e a posição do presidente. Segundo o autor do Editorial, ele é o maior problema no combate ao vírus. Com efeito,

A pandemia do coronavírus 2019 (COVID-19) chegou à América Latina mais tarde do que em outros continentes. O primeiro caso registrado no Brasil foi em 25 de fevereiro de 2020. Mas, agora o Brasil tem o maior número de infectados e de mortes na América Latina (105.222 infectados e 7.288 mortes, em 4 de maio), número que certamente se deve a subnotificações. O que é mais preocupante é que a taxa de duplicação de mortes é estimada em 5 dias e um estudo recente pelo Imperial College (Londres, RU), que analisou a taxa de transmissão ativa de COVID-19 em 48 países, mostrou que o Brasil é o país com a maior taxa de transmissão (RO de 2.81). Grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro são no momento os principais focos, mas há preocupações e alguns sinais de que as infecções estão se locomovendo para o interior, para cidades menores com recursos inadequados em termos de centros de terapia intensiva e respiradores. Ademais, a maior ameaça a uma resposta do país à COVID-19 é o próprio presidente, Jair Bolsonaro.

Em seguida o texto entra em detalhes sobre a indiferença do presidente para com o sofrimento dos infectados e mortos, alguns mortos à míngua e a cujo enterro os parentes muitas vezes sequer puderam comparecer, sem dizer que não houve velório. Aliás, hoje (11/08/2020) o número de infectados já chegou a 3.112.393 e o de óbitos 103.099. Esse segundo parágrafo começa reproduzindo a resposta do presidente à pergunta de um repórter sobre o grande número de casos de infectados e mortos no Brasil. O texto reproduz a resposta do presidente: “E daí? O que você quer que eu faça?” Vale dizer, ele não está nem aí para tudo isso. Sua preocupação é com seu poder. Tanto que demite ministros competentes (Mandetta, Teich e Moro), só porque estavam “aparecendo demais” e/ou procediam como recomendam as autoridades de saúde, e não como ele manda, a despeito de ele ser o chefe. O parágrafo termina mostrando que o Brasil está sem rumo, pois não há exemplo moral vindo de cima.

Quando perguntado por jornalistas semana passada sobre o crescente número de casos de COVID-19, ele respondeu “E daí? O que você quer que eu faça?” Ele não só continua a criar confusão desrespeitando e desencorajando abertamente medidas de distanciamento físico e fechamento total (*lockdown*) de iniciativas de governadores de estado e prefeitos de cidades, mas também perdeu dois importantes e influentes ministros nas últimas três semanas. Primeiro, Luiz Henrique Mandetta; no dia 16 de abril, o respeitado e bem-querido Ministro da Saúde foi demitido após uma entrevista na televisão, na qual criticou duramente as ações de Bolsonaro e conclamou por unidade ou, do contrário, correr o risco de deixar 210 milhões de brasileiros extremamente confusos. Em seguida, em 24 de abril, o Ministro da Justiça Sérgio Moro, uma das figuras mais proeminentes do governo direitista e nomeado por Bolsonaro para combater a corrupção, anunciou sua renúncia, devido à demissão do chefe da Polícia Federal do Brasil por Bolsonaro. Um tal desarranjo no âmago da administração é um problema mortal no meio de uma emergência de saúde pública e um forte sinal de que a liderança do Brasil perdeu sua bússola moral, se é que já teve alguma.

ECO-REBEL

Em seguida o texto toca na questão dos problemas endêmicos do Brasil, como a pobreza, as favelas, em que as pessoas vivem amontoadas em pequenos espaços e pouco, às vezes nenhum, acesso a água limpa. Ele vai mais longe, salientando que o desgoverno de Bolsonaro inclui estímulo nem sempre velado à derrubada de árvores na floresta amazônica bem como a invasão das terras dos povos autóctones por grileiros, terminando com o alerta do conhecido fotógrafo Sebastião Salgado sobre um iminente genocídio.

Mesmo sem o vácuo de ações políticas no nível federal, o Brasil teria muita dificuldade para combater a COVID-19. Cerca de 13 milhões de brasileiros vivem em favelas, frequentemente com mais de três pessoas por cômodo e com pouco acesso a água limpa. O distanciamento físico e as recomendações de higiene são praticamente impossíveis de ser seguidas nesses ambientes – muitas favelas tomaram por conta própria as melhores medidas possíveis. O Brasil tem um grande setor de empregos informais, com nenhuma opção de fontes de rendimento. A população indígena tem sido submetida a severas ameaças de irrupção de COVID-19 porque o governo tem ignorado ou até mesmo encorajado a mineração e o corte de madeiras ilegais na floresta amazônica. Esses madeireiros e mineradores estão agora provocando o risco de nova doença a populações remotas. Uma carta aberta de uma coalizão global de artistas, celebridades, cientistas e intelectuais, de 3 de maio, liderada pelo fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, adverte sobre um iminente genocídio.

A seguir o Editorial lembra os protestos das associações de classe e científicas. Menciona também os painéis que têm acontecido em todo o Brasil durante os pronunciamentos do presidente na televisão. Diz que há muita pesquisa, muito conhecimento já adquirido, mas o presidente ignora tudo isso.

O que estão fazendo a comunidade de saúde e científica e a sociedade civil em um país conhecido por seu ativismo e clara oposição à injustiça e inequidade, além de ter a saúde como um direito constitucional? Muitas organizações científicas, tais como a Academia Brasileira de Ciências e ABRASCO, têm se oposto firmemente a Bolsonaro por causa de duros cortes no orçamento para a ciência e um desmantelamento geral da seguridade social e serviços públicos. No contexto da COVID-19, muitas organizações têm lançado manifestos direcionados ao público, como o Pacto pela Vida e pelo Brasil, e feito declarações escritas e apelos aos membros do governo clamando por unidade e soluções em conjunto. Painéis de janelas como protesto durante pronunciamentos presidenciais acontecem com muita frequência. Há muita pesquisa em andamento, da ciência básica à epidemiologia, e há uma dinâmica produção de equipamento de proteção pessoal, respiradores e kits para exames.

O Editorial termina ressaltando que as ações dos cientistas e das organizações civis são importantes e bem-vindas; elas representam algum vislumbre de esperança para os brasileiros, a despeito do presidente. O texto termina com algo que lembra o Velho do Restelo, dos *Lusíadas* de Camões, mesmo que ao reverso. Se o presidente não mudar sua atitude, poderá ser o próximo a ser defenestrado, talvez lembrando a cassação de Fernando Collor e de Dilma Rousseff.

Estas são ações alvissareiras. No entanto, liderança no nível mais alto do governo é crucial para contornar o pior momento desta epidemia, como se pode ver em outros países. Em nossa série Brasil 2009, os autores concluíram: “O desafio é no final das contas político, exigindo um engajamento contínuo da sociedade brasileira como um todo a fim de assegurar o direito à saúde para todos os brasileiros”. O Brasil como país precisa se unir para dar uma clara resposta ao “E daí?” de seu presidente. Este precisa mudar de curso drasticamente ou será o próximo a ir embora. *The Lancet*, volume 395, 09/05/2020: www.thelancet.com

O Editorial toca nos principais pontos do discurso escatológico de Bolsonaro: um discurso egocêntrico e egoísta, para dizer o menos. Sua indiferença relativamente ao sofrimento e às mortes causadas pela covid-19 mostra que ele é uma pessoa preocupada apenas com seu poder, o que

ECO-REBEL

compreende uma proteção a seus filhos a fim de não serem punidos pelos crimes e atos de corrupção de que estão sendo denunciados.

Por ocasião de uma de suas participações em manifestações na Esplanada dos Ministérios defendendo o fechamento do Congresso, do STF e conclamando por uma ditadura militar sob o seu comando, Bolsonaro tentou se justificar asseverando: “Eu já estou no Poder. Já sou o presidente da República. Então, estou conspirando contra quem, meu Deus do céu?” (*Correio Braziliense*, 20/04/2020). Ele pensa que os brasileiros são mentecaptos, incapazes de ler a essência do que está por trás da aparência de seu discurso virulento. Ele é presidente, sim, mas tem que conviver com a democracia, com um Poder Legislativo e um Poder Judiciário funcionando, bem ou mal. O que ele não diz, mas todos nós sabemos, é que gostaria de fazer aquilo que está sendo solicitado nos cartazes dos eventos de que ele participou, entre outras coisas, “Intervenção militar com Bolsonaro” (Globo.com:G1, 03/05/2020). Tanto que seu filho Eduardo disse que “se a esquerda radicalizar a esse ponto, a gente vai precisar ter uma resposta. E uma resposta pode ser via um novo AI-5” (G1, 31/10/2019). Sete meses mais tarde, o mesmo Eduardo voltou a ameaçar, dizendo que a questão “não é mais uma opinião de ‘se’, mas de ‘quando’ ocorrerá momento de ruptura” (G1, 28/05/2020). Para bom entendedor, essa ruptura é uma ditadura militar, como acaba de ser visto. Com isso, fechar-se-ia o Congresso e o STF, ficando o clã do Gabinete do Ódio, segundo se diz, aliado a milícias no Rio de Janeiro, com o poder absoluto.

Como se pode ver, o discurso e as ações do presidente Bolsonaro vão na contramão de tudo aquilo que a Análise do Discurso Ecosistêmica defende. Como ela tem como princípio primeiro a defesa da vida, que compreende luta contra o sofrimento evitável, seus seguidores propugnam por uma harmonia, para que haja comunhão e os inevitáveis conflitos da vida sejam resolvidos sem violência, como se pode ver em Silva (2020) e Silva (2021, *a sair*). O discurso bolsonarista, que inclui o de seus filhos, é agressivo, beligerante, vê inimigos por todo lado. A tal ponto que seu filho Eduardo Bolsonaro disse que “Se quiser fechar o STF, sabe o que você faz? Não manda nem um jipe. Manda um soldado e um cabo. Não é querer desmerecer o soldado e o cabo” (AgênciaBrasil, 21/10/18). Nota-se até mesmo um tom de deboche em sua atrevida afirmação.

Pelo que se vê, parece que o clã Bolsonaro e seguidores ainda não perceberam que mais de 75% dos brasileiros não querem saber de ditadura. Esse clã está deslumbrado com o poder e pensa como o monarca francês Luís XIV, que disse: *l'état c'est moi* (o estado sou eu). Se alguém considera esta comparação absurda, o próprio Bolsonaro-pai disse: “Eu sou a Constituição” (*Folha de São Paulo*, 20/04/2020), um dia após sua participação em manifestação antidemocracia e pró-golpe. Hitler também disse algo semelhante: “Der Führer ist die Partei; die Partei ist der Führer (O Führer é o partido; o partido é o Führer). Os nazifascistas sempre se assemelham.

Diante de tudo isso e de tudo que se pode ler nos artigos de Márcio Silva recém-mencionados, o último período do texto do Editorial é emblemático: “Ele precisa mudar de curso drasticamente ou será o próximo a ir embora”, ou seja, ser destituído do poder. Só não pensa assim a minoria fanática, fundamentalista, devota de são bolsonaro, como, de novo, se pode ver naqueles artigos.

A dissintonia do presidente com o que nos mostra a ciência na luta contra o coronavírus culminou com um “protocolo” para uso da cloroquina no tratamento dele. De acordo com a conhecida afoiteza e açodamento do presidente, esse protocolo fora divulgado “sem nenhuma assinatura”. Como isso pegou mal, o Ministério da Saúde o reapresentou, e desta vez, “de acordo com a nota da pasta, houve envolvimento de todas as secretarias na elaboração do protocolo e a assinatura foi feita na quarta-feira (20/5)”. Foram sete assinaturas, todas elas de secretários de ministérios do governo, logo, subordinados ao talante de Bolsonaro. Não há a assinatura de nenhuma autoridade científica independente do governo (*Correio Braziliense*, 22/05/2020). Enfim, é difícil entender a obsessão do presidente pela

ECO-REBEL

cloroquina, assim como sua obsessão e paranoia contra as esquerdas, o socialismo e o comunismo. Aliás, ele nem sabe que este último sequer existe mais nos dias de hoje.

Contrapondo-se a isso, um outro número de *The Lancet* publicou um artigo sobre a cloroquina, que diz logo no primeiro parágrafo que “a hidroxicloroquina ou cloroquina estão sendo largamente usados no tratamento da covid-19, amiúde em combinação com o macrólido de primeira geração, a despeito de não haver nenhuma evidência conclusiva sobre seu benefício. Ela pode até ser eficaz no tratamento de forma segura quando usada para indicações aprovadas, como doença autoimune ou malária, mas a segurança e o benefício desses regimes de tratamento ainda estão muito pouco avaliados no caso da covid-19” (MEHRA et al. 2020). É bem verdade que “o estudo do *The Lancet* foi retirado (despublicado) na quinta-feira [03/06/2020] depois que seus autores disseram não ter certeza sobre os dados”*. No entanto, cientistas britânicos consideraram a hidroxicloroquina inútil para o tratamento da covid-19. Um dos cientistas chegou a dizer que “isto não é um tratamento para covid-19. Não funciona” (Reuters, 05/06/2020).

Segundo o jornal *El país* de 25/05/2020, “A Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou nesta segunda-feira a suspensão ‘temporária’ de ensaios clínicos internacionais com hidroxicloroquina por ‘precaução’, após esta publicação na revista médica *The Lancet* de uma pesquisa que questiona a eficácia e alerta para os efeitos contraproducentes deste medicamento, criado inicialmente para a malária e popularizado pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que reconheceu que o usa. A decisão, anunciada à tarde em uma conferência internacional do diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, implica a paralisação dos testes no âmbito do combate à covid-19”. Enfim, a Food and Drug Administration (FDA) americana revogou a autorização para uso de cloroquina e hidroxicloroquina em caráter emergencial em pacientes de covid-19.

Diante de tudo isso, não dá para entender a obsessão do presidente pelo uso de um medicamento cuja eficácia no tratamento da covid-19 não está cientificamente comprovada. Mas, como ele, a despeito de leigo, quer que ela seja usada e como quem manda é ele, chegou a fazer deboche sobre seu uso. Em uma *live* nas redes sociais ele disse que o uso é “facultativo”, portanto, “quem é de direita toma cloroquina; quem é de esquerda, tubaína” (UOL, 20/05/2020). A propósito, o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, demitido por Bolsonaro por não aceitar que ele faça valer sua vontade contra os ensinamentos da ciência, ironizou a fala, dizendo: “quem é de direita usa cloroquina. Quem é de esquerda, tubaína. E quem é de juízo, escuta a medicina” (*Estado de Minas*, 20/05/2020). Mas, isso é muito sutil para o entendimento do tosco presidente.

Nota

*Para uma discussão sobre essa retratação (despublicação), ver o *Boletín SciELO-Mexico* (06/06/2020), com a reprodução de um artigo, em inglês e espanhol, de James Heathers (Northeastern University, Boston MA, especialista em metodologia de biossinal e metaciência), publicado no jornal *The Guardian* de 05/06/2020. A discussão é bastante atual, pois mostra as mazelas causadas pela pressão para se publicar em grande quantidade. Alguém já chegou a dizer que hoje existem mais autores do que leitores.

ECO-REBEL

Referências

CAPRA, Fritjof. Laudato Si – A ética ecológica e o pensamento sistêmico do Papa Francisco. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 6, n. 2, p. 5-17, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32662/26617>

SILVA, Márcio M. G. Coronavírus, ideologias e análise do discurso ecossistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 6 n. 2, p. 90-106, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>

_____. Um estudo do discurso do ex-capitão Jair Messias Bolsonaro pela análise do discurso ecossistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 7, n. 1, 2021 (*a sair*).

MEHRA, Mandeep R.; DESAI, Sapan S.; RUSCHITZKA, Frank; PATEL, Amit N. Hydroxychloroquine or chloroquine with or without a macrolide for treatment of COVID-19: a multinational registry analysis. *The lancet*, 22/05/2020.

[https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)31180-6](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)31180-6)

Aceito em 29/07/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.